

Estratégias de Resistência dos Artefatos Políticos de Zuzu Angel [Testemunho & Crítica nas relações entre a moda, a arte e o design]

Angélica Adverse⁽¹⁾

Resumo: Nos anos de 1970, a estilista/designer Zuzu Angel engajou-se em defesa da democracia por intermédio de suas criações. Após o assassinato do seu filho Stuart Angel pela ditadura militar brasileira (1964-1985), ela iniciou intervenções críticas com intuito de denunciar a violência do Estado. Para tanto, concebeu coleções representando os conflitos e a tortura utilizada pelo regime militar contra prisioneiros políticos. Em 1971, realizou um desfile narrando por meio de estampas, bordados e textos, testemunhos sobre a história contemporânea brasileira. O vestido intitulado Anjo tornou-se a peça icônica da coleção a partir da qual ela bordou uma narrativa visual denunciando a necropolítica. A partir dessa criação, analisaremos o artefato político, servindo-nos da pesquisa de Winner (1980) a fim de propor uma correspondência com o Design Crítico. Seguindo as noções apresentadas por Dunne e Raby, analisaremos a ação política e o pensamento crítico no design. Nesse aspecto, nos deteremos sobre o sentido de política por autores como Arendt (2002), Benjamin (2012) e Bensaïd (2008). Por fim, apresentaremos a análise de Disalvo (2012) e Mouffe (2000) a respeito do Design Adverso e o sentido do agonismo. A proposta é pensar como os projetos em Design e Moda de Zuzu Angel transfiguraram-se num confronto político, sendo uma resistência à ditadura militar brasileira. Investigaremos como o estilo de moda possibilitou ao seu trabalho em design subverter as orientações sobre a usabilidade e função. Pelo campo conceitual, Zuzu Angel também aproximou-se das intervenções artísticas, performatizando sentimentos como a perda, a dor e o silêncio.

Palavras-Chave: Design - Moda - Arte - Crítica - Política.

[Resumos em espanhol e inglês nas páginas 88-89]

⁽¹⁾ **Angélica Adverse.** Doctora en Artes Visuales por la Universidad Federal de Minas Gerais con prácticas de investigación en la Universidad Paris I - Sorbonne (2016). Postdoctorado por el Programa de Postgrado en Historia de la Universidad Federal de Minas Gerais (2018-2020). Master en Artes Visuales por la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Minas Gerais (2011). Licenciada en Diseño por EBA / UFMG. Especialista en Filosofía por la Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas de la Universidad Federal de Minas Gerais (2000). Actualmente propone una reflexión filosófica sobre la estética y la cotidianidad que impregna la moda, el arte, el diseño, la literatura, el cine y la arquitectura. Tiene experiencia en arte y moda, con énfasis en filosofía del arte, estética y teoría crítica de la imagen.

Mas o anjo se parece com tudo de que tive que me separar: os homens e também os objetos. Nos objetos que não tenho mais, ele mora. Ele os torna transparentes e atrás de cada um aparece aquele a quem foram destinados. Por isso, ninguém pode me superar na arte de presentear. Sim, talvez fosse o anjo atraído por alguém que dá presentes e vai embora de mãos vazias.

Walter Benjamin

Introdução

A América Latina vivenciou um sombrio período regido pelos regimes repressores, sobretudo militares, entre os anos de 1960 e meados dos anos de 1980. No Brasil, a ditadura subordinou as forças da segurança pública no processo de repressão. Em 1966, o Serviço Nacional de Informações estruturou um aparato para identificar e liquidar os opositores do regime e, a partir de então, a ditadura brasileira passou a adotar ações de exceção, dentre elas a tortura que foi instalada em centros clandestinos a partir dos quais visava-se eliminar os integrantes de grupos de resistência.

De acordo com Schwarcz e Starling (2015), a máquina de reprimir tocada pelos militares tornou-se maior e mais efetiva a partir de 1969. Ela contou com o limite judicial que muitas vezes encobria os homicídios de prisioneiros, provocando uma incerteza a respeito dos fatos. A partir dos anos 70, essa prática instalou-se em vários espaços institucionalizados, de quartéis aos hospitais, a fim de fraudar os laudos periciais, autópsias e perícias que poderiam marcar e evidenciar qualquer tipo de violência física cometida pela máquina de repressão do Estado.

A arte e o design buscaram o gesto singular de protestar e expressar a sua oposição à violência do Estado. Entre a oposição e a resistência, as criações objetivaram abordar o desaparecimento de jovens e ativistas políticos que participavam de movimentos em favor da democracia. É exatamente nesse contexto que o trabalho da estilista mineira Zuzu Angel¹ torna-se precursor adotando a estratégia de design de protesto à repressão política brasileira. O presente texto narra a integração entre as noções do artefato político e o design adverso, tendo como alicerce de nosso argumento algumas questões sobre política e violência.

A obra de Zuzu Angel nos permite pensar o recorte de uma narrativa histórica no qual o vestuário torna-se o espaço mais potente para uma concepção alegórica da experiência banalizada da violência que permeou a ditadura militar latino americana no século XX. O vestido Anjo é a alegoria da realidade política brasileira, mas ao mesmo tempo é, segundo nos diz Benjamin, o indício de um tempo. Tempo ameaçado pelo esquecimento, pelo inaudito e pelo confronto. O anjo ao qual se refere Zuzu Angel lembra-nos as palavras de Gagnebin (1997), anjo que não nos anuncia a plenitude, mas se refugia nos interstícios da ausência e da separação. Nesse sentido, nossa abordagem pretende pensar a importância do Design Adverso como ponto de contato político entre o estatuto do sujeito e o uso dos seus artefatos.

Anjo: um vestido da história

Zuzu Angel inicia seu trabalho mais autoral na medida em que se engaja numa luta política por causa da morte de seu filho primogênito. Stuart Angel Jones foi militante do Movimento Revolucionário (MR-8), entrando para a clandestinidade no fim dos anos de 1960. Em 14 de maio de 1971, Stuart Angel é preso e desaparece. Diante de uma luta infinda, Zuzu Angel desafia as autoridades brasileiras, utilizando-se da criação em moda como dispositivo para dirigir críticas à violência exercida pelo Estado brasileiro. Em seu diário sobre o período ditatorial brasileiro, ela testemunha: “Isso tudo acontecendo no Brasil desde 1964 e eu, na minha santa ignorância, fazendo moda. Vestidinho com flor e passarinho” (Angel *apud* França, 2014, p.31). A partir de então, ela desenvolve coleções trazendo como temática o desaparecimento do seu filho Stuart Angel. Ela procura os chefes maiores tanto do Exército Brasileiro quanto do DOI-Codi² para solicitar uma investigação. No entanto, ela não consegue ser ouvida por nenhum órgão institucional do Estado brasileiro. Por esse motivo, ela passa a utilizar as suas roupas e o seu trabalho em Moda como um suporte de protesto. Durante três anos, ela apresenta coleções com peças, estampas e frases que desafiam e confrontam as autoridades brasileiras.

Diante das suas ações, ela passa ser considerada uma inimiga do Estado, sendo assassinada seis anos após a morte de seu filho. Durante cinco anos, ela recebeu cartas e ameaças anônimas. Zuzu Angel morreu em 14 de abril de 1976. Seu carro capotou na saída do túnel Dois Irmãos na cidade do Rio de Janeiro. O laudo de sua morte apresentou a hipótese de que ela havia dormido no volante. No entanto, em 1998, o governo brasileiro reconheceu que a morte da estilista não foi um acidente, mas um assassinato que envolvia a participação dos militares. Segundo a investigação, um carro havia batido na traseira de seu veículo fazendo-o capotar. A investigação concluiu que a cena do acidente havia sido alterada, pois a sandália da estilista não poderia estar na posição em que havia sido fotografada.

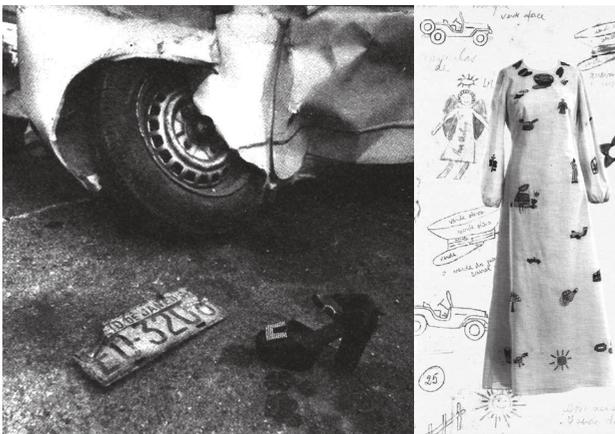


Fig. 1. Cena do acidente da estilista Zuzu Angel: o sapato, a placa e os destroços do carro. Vestido Anjo, Zuzu Angel, 1971. **Fonte:** ZULEIKA, Nº1, ano 1, abril 2014, p.33-63.

O vestido Anjo criado em 1971, representa uma parte da nossa história política. Além disso, esse artefato torna-se uma alegoria para pensar a relação entre o poder e a violência. Trata-se na verdade de pensar como o poder muitas vezes é superposto à noção do direito. Nesse caso, em particular, do poder retira o direito de uma mãe à sepultar o corpo do seu próprio filho. Para Benjamin (2012, p.65), a violência do poder pode nos levar a indagar o âmbito do militarismo, que muitas vezes pode sugerir um tipo de compulsão generalizada da violência. O que nos leva a pensar sobre o sentido ético-histórico da constituição do poder militar no Brasil durante a ditadura. Pois há uma dinâmica da constituição do poder sem forma, um poder sobre a vida e sobre a morte do cidadão.

De acordo com Mbembe (2018, p.17), um dos paradoxos da biopolítica seria o estabelecimento do poder que instrumentaliza os corpos ditando quem pode viver e quem deve morrer. Nesse aspecto, a história da família Angel é a estória de constituição do imaginário do inimigo do estado e não daquele que confronta as suas leis, exigindo o seu direito. O poder ditatorial brasileiro, em tais instâncias, estabelecia o exercício do poder pela noção do inimigo e, portanto, a relação entre a política e a morte inscreve-se na lógica da eliminação. A *necropolítica* localiza-se nessa experiência do direito sob o corpo do outro, numa eliminação contínua da alteridade.

Para Arendt (1994, p. 44), poder e violência seriam opostos, pois a violência está presente onde o poder está em risco, pois a violência pode destruir o poder. Assim, nós retomamos a figura do anjo para pensar que tipo de alegoria poderia ser trazida a luz a partir da noção da desapareição? A imagem do artefato nos aponta portanto para uma dialética de aparecimento da violência e para o desaparecimento do poder?

Nossas questões somam-se portanto ao entendimento da política, pois a política confere uma ação conjunta e por isso, o poder é sempre coletivo. Lembra-nos Arendt (2002, p.48): “a coisa política entendida nesse sentido grego está, portanto, centrada em torno da liberdade (...) como um espaço que só pode ser produzido por muitos, onde cada qual se move entre iguais”. Arendt nos ensina que a violência é uma forma de ação instrumental, subordinada a fins definidos por seus agentes. De seu ponto de vista, o comum não pode ser construído pela violência. O poder entraria nessa mesma categoria porque para o poder não há justificativa, ele precisa somente de legitimidade. A violência, ao contrário, pode ser justificada, mas nunca legitimada. Nos indagamos se o caráter dialético do vestido Anjo expressaria a união do poder do Estado à violência militar. Pois a união de ambos, o poder e a violência, foram os fatores de autodestruição da política brasileira durante o período ditatorial. De modo semelhante à alegoria do anjo da história de Benjamin (1994), talvez o vestido Anjo apresentasse em sua superfície as ruínas do nosso passado histórico, ruínas que, infelizmente, acumulam-se incansavelmente. Seguindo Bensaïd (2008, p.40), podemos contemplar o vestido não para sonhar em meio aos escombros, mas para tentar despertar do pesadelo que compôs a história brasileira no século XX.

Design Adverso & Moda Agonística: estetizar movimentos de oposição

Em 1971, Zuzu Angel apresentou seu primeiro desfile de protesto e seu lançamento teve grande repercussão na mídia nacional e internacional. O vestido Anjo foi criado no momento em que desfilaria no magazine Bergdorf Goodman em Nova York. O projeto foi minuciosamente construído, em seu acervo vemos uma lista de palavras escrita como um *brainstorming*, onde vemos: navio com bandeira, anjo, canhão, tanque, menino com grade etc. As cores foram cuidadosamente escolhidas: verde oliva, verde do tanque, rosa e amarelo. A pesquisa de materiais substituiu os tecidos e rendas sofisticadas por bordados relacionados aos pontos artesanais brasileiros, tornando-se claro que a inserção de elementos populares dialogava com as questões sociais brasileiras.

A narrativa têxtil introduz a questão do Design Adverso e dos elementos de confronto que marcaram a resistência do pensamento político de seus projetos. Ressalta Di Salvo (2012) que o Design Adverso aproxima-se do campo da política na medida em que os artefatos produzidos introduzem questões na práxis de usabilidade. A interação é portanto o *input* para desencadear as tensões do agonismo crítico. A contestação é clara, expressando uma situação de confronto. É no âmbito desse processo de recepção que o projeto em design tangencia o núcleo das ações que podem estetizar os movimentos de contestação. Em Mouffe (2000), encontra-se a ideia de que o espaço público torna-se o lugar privilegiado para o confronto e, portanto, seria a democratização que exigiria, nesse caso, o fomento da multiplicidade do conflito. O ato de projetar um produto voltado ao agonismo o insere numa instância pública voltada para o debate. E, na medida em que esse artefato busca uma autonomia crítica, tangencia a arte, emancipando-se em direção à lógica das discussões sobre arte e resistência. Segundo Groys (2015, p. 26), o ponto crucial é a apresentação de discussão por agentes que buscam a autonomia das formas de expressão, que, não desconhecendo a complexidade de suas relações, reivindicam a liberdade fundamental de todas as formas visuais.

A perspectiva agonística do vestido Anjo se explicita quando Zuzu Angel confronta abertamente a ditadura militar brasileira. Para Winner (1980), dimensão política da peça não está atrelada somente à instância do protesto, a política está presente na medida em que o artefato enfatiza o diálogo comunitário a fim de unificar uma participação pública tanto pelo uso quanto pela percepção da imagem do artefato. A tentativa de problematizar a questão, aspirando uma reivindicação, instaura no projeto em design uma série de informações que o conduzem a desenvolver um papel informativo e historiográfico. Assim, o vestido Anjo passa a performatizar a memória histórica do Brasil, atentando-se aos enunciados silenciados e aos pontos subliminares que o artefato político pode fornecer por um processo de comunicação não verbal.

Estratégia Semântica & Relacional do Artefato Político

A política do artefato é, de acordo com Bernward (1999, p.16), um processo relacional porque tem como desafio construir uma rede dialógica entre as coisas e as pessoas. Assim,

há um poder performativo das palavras nos artefatos. Para além da persuasão, se estabelece uma rede crítica e dialógica onde as palavras são construídas a partir dos objetos. Os atributos formais podem, então, funcionar para estimular a potência crítica diante de um confronto político, possibilitando a construção de argumentos e narrativas contestatórias a partir da usabilidade dos objetos. Nesse sentido, a função não é apenas uma relação pragmática ou estética, ela é pensável por desencadear o dissenso, documentando o reconhecimento das questões políticas expressas pelo objeto. Estas questões estão inseridas no vestido Anjo na medida em que aludem à narrativa biográfica de Stuart Angel e relatam para um público ampliado a realidade da ditadura brasileira.

Se, por um lado, o design se esforçaria para a resolução de um problema, por outro lado o agonismo teria como princípio de ação explicitar o problema, não para resolvê-lo mas para evidenciar o objeto como um artefato político. Como diz Latour (2004), a dimensão política das coisas se constitui pela disposição relacional. Deste modo, o poder só pode ser pensado sintagmaticamente em relação às outras coisas. A estratégia de semântica deve ser aberta para engajar o usuário e convidá-lo a tomar uma posição no campo de ação do objeto. Para Quinz (2014), todo o processo do design deve, nesse caso, conduzir à construção de um *estado de consciência* a partir do objeto. Como consequência, haverá um deslocamento de sentido do artefato para o comportamento do usuário. Segundo Di Salvo (2012), apesar da longa tensão entre o design e arte, desde o início do design moderno, foi cunhado o termo *designarte* para se pensar todas as possibilidades de interstício a fim de criar uma tendência mutante de movimentos sem categorias cristalizadas.

É importante que retomar as observações de Dunny e Raby (1997) sobre a dimensão crítica do projeto porque ela seria responsável por um tipo de ruptura conceitual no processo de projeção, conduzindo os objetos para uma perspectiva política ativista que convidaria os usuários para um diálogo sobre a nossa capacidade de pensar e agir. Podemos dizer, ainda, que o design crítico faz colidir a emancipação da autoria e a inserção do produto no mercado. Pois o que está em questão é uma reivindicação pela liberdade, um tipo de liberdade para constituir métodos de experimentação, formas de pensamento em design, prototipagem e produção dos produtos. Talvez, seja aqui que possamos compreender Tockeville (1967, p. 267): “quem busca na liberdade algo além dela é feito para servir”, o que significa que a liberdade é a nossa capacidade de resistir, pensar e criar. Como sugere o Manifesto Design pela Democracia, de Manzini e Margolin (2017), os designers devem tomar posição e agir pelo direito à liberdade fundamental, pois a prática do design deve consolidar os valores democráticos de forma colaborativa e dialógica.

Considerações Finais

Zuzu Angel introduz a estratégia do agonismo iniciando uma integração entre o design e a crítica político-social na moda, utilizando o artefato como confronto político a fim de expor a relação entre a violência e o poder na política brasileira dos anos de 1970. O trabalho desenvolvido por ela propicia uma relação crítica entre o projeto do design e o estilo de moda, introduzindo a dimensão performativa da arte na construção de imagens con-

testatórias. Em termos artísticos, o projeto desenvolvido por Zuzu Angel explicita a estetização do plano político da ação. Por intermédio de uma intervenção gráfica pelo design de superfície, a realidade da ditadura brasileira é desvelada, criando uma narrativa gráfica a partir da qual o campo da Moda acolhe um estilo temporal. É possível, então, contextualizar o significado de uma época a partir das cores, dos *shapes*, dos materiais e pela imagem que articula no instante. Dessa forma, o desfile de moda passa a ser o espaço para a ação do design e a apresentação o momento a partir do qual uma experiência estética pode se desenvolver. Seguindo essa linha, a articulação entre o design, a arte e a moda desenvolve um jogo de linguagem em que um significado histórico é construído coletivamente.

A criação crítica de Zuzu Angel estabeleceu um campo ampliado as ações do estilo de moda ao projeto em design para produzir uma experiência sensível sobre o campo da política performatizando a ação dos desfiles. Por fim, é a instância da liberdade que conduz o projeto ao encontro de outros campos, como por exemplo, pela relação entre o design e a arte. A obra de Zuzu Angel expressa, de certa forma, a ambiguidade estética e a problematização crítica do artefato político. O vestido Anjo é um projeto contra a indiferença política e um convite a pensar a moda, o design e a arte como espaço de liberdade no qual a palavra encontra no artefato a sua possibilidade de ação.

Notas

1. Zuleika de Souza Netto nasceu na cidade de Curvelo (Minas Gerais) em 1921. Na adolescência, mudou-se para a capital Belo Horizonte. Durante a sua juventude conheceu Norman Angel Jones, canadense naturalizado norte-americano com quem se casou em 1943, adotando o nome Zuleika Angel Jones. Em 1946, o casal mudou-se para Salvador local onde nasceu o primeiro filho Stuart Angel Jones. Conhecida como Zuzu Angel, ela trabalhou como artesã durante algumas décadas. No entanto, após a sua separação nos anos de 1960, Zuzu Angel decidiu abrir o seu próprio atelier, tornando-se precursora de um estilo que reivindicava a identidade brasileira no processo do design para a criação em moda. Zuzu Angel tornou-se internacionalmente conhecida pelas referências gráficas que aludiam à história cultural brasileira. In: Braga, João (2014). *Eu sou a moda brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural.

2. Destacamentos de Operação Interna - Centros de Operação e Defesa Interna. Criados no Brasil nos anos 70 sob o comando do Ministro do Exército, Orlando Geisel. A partir de 1969, foram responsáveis por vários casos de desaparecimento de presos políticos, sendo denunciados internacionalmente. Em 1970, a Igreja Saint-Germain-des-Prés, em Paris, expôs seu altar-mor um Cristo algemado, com um tubo aboca e um magneto no topo da cruz. No alto, a esfera cortada pela inscrição "Ordem e Progresso". In: (Schwarcz; Starling, 2015, p.461). Vale ressaltar que alguns anos após o desaparecimento de Stuart Angel, a estilista Zuzu Angel recebeu uma carta anônima denunciando o assassinato de seu filho. Segundo relatos, Angel foi amarrado a um Jipecom a sua boia presa a um cano de descarga. Em seguida, ele foi arrastado, chegando a falecer envenenado pelos gases tóxicos num quartel da Aeronáutica brasileira. Ainda de acordo com o testemunho, o corpo do jovem havia si-

doarremessado no mar. A imagem apresentada na Igreja francesa é, portanto, semelhante à tortura sofrida pelo filho de Zuzu Angel.

Referências

- Arendt, H. (2002). *O que é o política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Benjamin, W. (2012). *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bensaïd, D. (2008). *Penser, Agir*. Clamecy: Lignes
- Bernward, J. (2012). *Do Politics have Artefacts, Social Studies of Science*, ISSN 1460-3659, Sage, Thousand Oaks, Vol. 29, Iss. 3, pp. 411-431.
- Braga, João (2014). *Eu sou a moda brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural.
- Dunne, A.; Raby F. (1997) *Hertzian Tales 1994–1997*.
In: <http://www.dunneandraby.co.uk/content/projects/67/0>
- DiSalvo, C. (2012). *Adversarial Design*. London: The MIT Press.
- Gagnebin, J. M. (1997). *Linguagem, Memória e História*. São Paulo: Imago.
- Groys, B. (2015). *Arte Poder*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Latour, B. (2004). *Politics of Nature*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lausen, M. (2007). *Design for Democracy: Ballot and Election Design*. Chicago: University of Chicago Press.
- Manzini, E.; Margolin, V. (2017). *Open Letter to the Design Community: Stand Up for Democracy*. In: <http://www.democracy-design.org/open-letter-stand-up-democracy/>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: M-1.
- Mouffe, C. 2000. *Deliberative Democracy or Agonistic Pluralism*. Vienna: Department of Political Science, Institute for Advanced Studies (IHS).
- Quinz, Emanuele (2014). “Objets et Stratégies du design Conceptuel.” *Strange Design: Du Design des Objets au Design des Comportements*. Paris: Diffusion.
- Schwarcz, L.; Starling, H. (2015). *Brasil uma Biografia*. São Paulo: Cia das Letras.
- Tocqueville, A. (1967). *L'Ancien Régime et la Révolution*. Paris: Gallimard.
- Winner, L. (1980). *Do Artifacts Have Politics?* *Daedalus* 109 (1): 121–136.
- Zuleika (2014). São Paulo: Itaú Cultural. N°1, ano 1, abril, p.33 – 63.

Resumen: En la década de 1970, la estilista/diseñadora Zuzu Angel se comprometió con la defensa de la democracia a través de sus creaciones. Tras el asesinato de su hijo Stuart Angel por la dictadura militar brasileña (1964-1985), inició intervenciones críticas para denunciar la violencia del Estado. Para ello, diseñó colecciones que representan los conflictos y las torturas utilizadas por el régimen militar contra los presos políticos. En 1971, realizó un desfile narrando, a través de estampas, bordados y textos, testimonios sobre la historia brasileña contemporánea. El vestido titulado Anjo se convirtió en la pieza icónica de la colección a partir de la cual bordaba una narrativa visual denunciando la ne-

ropolítica. A partir de esta creación, analizaremos el artefacto político, partiendo de la investigación de Winner (1980) para proponer una correspondencia con Critical Design. Siguiendo las nociones presentadas por Dunne y Raby, analizaremos la acción política y el pensamiento crítico en el diseño. Así, nos detendremos en el sentido de la política de autores como Arendt (2002), Benjamin (2012) y Bensaïd (2008). Finalmente, presentaremos el análisis de Disalvo (2012) y Mouffe (2000) sobre el Diseño Adverso y el sentido del agonismo. La propuesta es pensar cómo los proyectos en Diseño y Moda de Zuzu Angel se transformaron en un enfrentamiento político, siendo una resistencia a la dictadura militar brasileña. Investigaremos de qué modo el estilo de la moda permitió que su trabajo de diseño subvierte las pautas sobre usabilidad y función. A través del campo conceptual, Zuzu Angel también abordó las intervenciones artísticas, interpretando sentimientos como la pérdida, el dolor y el silencio.

Palabras clave: Diseño - Moda - Arte - Crítica - Política.

Abstract: In the 1970s, thestylist / designer Zuzu Angel was committed to the defense of democracy through her creations. After the murder of he son Stuart Angel by the Brazilian military dictatorship (1964-1985), she initiated critical interventions in order to denounce the violence of the State. To this end, she designed collections representing the conflicts and the torture used by the military regime against political prisoners. In 1971, she held a show narrating, through prints, embroidery and texts, testimonies of contemporary Brazilian history. The dress entitled Anjo became the iconic piece of the collection in which she embroidered a visual narrative denouncing the necropolitics. From this creation, we will analyze the political artifact, starting from Winner's research (1980) in order to propose a correspondence with Critical Design. Following the notions presented by Dunne and Raby, we will analyze political action and critical thinking in design. In thisr egard, we will dwell on the sense of politics by authors such as Arendt (2002), Benjamin (2012) and Bensaïd (2008). Finally, we will present the analysis by Disalvo (2012) and Mouffe (2000) regarding Adverse Design and the sense of agonism. The proposal is to think about how the projects in Design and Fashion by Zuzu Angel were transformed into a political confrontation, being a resistance to the Brazilian military dictatorship. We will investigate how fashion style enabled her design work to subvert guidelines on usability and function. Through the conceptual field, Zuzu Angel also approached artistic interventions, performing feelings such as loss, pain and silence.

Keywords: Design - Fashion - Art - Criticism - Politics.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]
